

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Viniçios de Melo/Agência Brasília



Capital paulista lidera carestia para aquisição da cesta

Dieese: cesta básica sobe em 14 de 17 capitais analisadas

Em trajetória de ascensão, o custo médio da cesta básica subiu em 14, das 17 capitais brasileiras analisadas, em fevereiro último, pela Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, de periodicidade mensal, divulgada nessa segunda-feira (10), pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Enquanto as maiores

elevações foram observadas em Recife (4,44%), João Pessoa (2,55%), Natal (2,28%) e Brasília (2,15%), tiveram queda Goiânia (-2,32%), Florianópolis (-0,13%) e Porto Alegre (-0,12%).

A categoria de 'vilões' da carestia foi 'puxada pelo café, com alta em todas as capitais pesquisadas, subindo de 6,66% em São Paulo, para uma alta de 23,81%, em Florianópolis.

SP lidera

Maior metrópole brasileira, São Paulo exibiu a cesta básica mais cara do país, com custo médio de R\$ 860,53; Rio de Janeiro (R\$ 814,90), Florianópolis (R\$ 807,71) e Campo Grande (R\$ 773,95). Menores valores: Aracaju (R\$ 580,45), Recife (R\$ 625,33) e Salvador (R\$ 628,80).

Defasagem

Caso tivesse que cumprir todas as determinações constitucionais, o salário-mínimo, segundo o Dieese, deveria ser de R\$ 7.229,32 ou 4,76 vezes o mínimo atual de R\$ 1.518,00. Tal cálculo levou em conta a cesta mais cara, que, no mês passado foi a de São Paulo.

Rovena Rosa - Agência Brasil



Inovação industrial foi fator-chave para avanço do setor

Mercado de brinquedos cresce 36% em quatro anos

A constante demanda por inovação e renovação, por parte da indústria, sob o impulso do lançamento de produtos – a exemplo da inclusão de 43 tipos de brinquedos para crianças com necessidades especiais e pelo fortalecimento do varejo – estão entre os fatores para o salto de 36% do mercado de brinquedos no país, cujas ven-

das cresceram de R\$ 7,5 milhões, em 2020, para R\$ 10,2 milhões em 2024.

Segundo o presidente da Fundação Abrinq, Synésio Batista da Costa, "o setor tem demonstrado uma resiliência impressionante, impulsionada tanto pelo aumento no consumo per capita quanto pela maior diversificação de produtos.

'Invasão chinesa'

Atingido em cheio pela 'invasão chinesa', há 30 anos, o setor de brinquedos tupiniquim fechou 636 fábricas e a demissão de 45 mil pessoas. Apesar da 'avalanche mandarim', a atividade nacional retomou o ritmo, detendo hoje 400 fábricas e 70 mil empregados.

Parceria

A B3 (B3SA3) fechou parceria estratégica com o SGX Group (Singapore Exchange) para o lançamento de contratos futuros de Real no mercado asiático. A bolsa tem a expectativa de que o produto, sujeito à aprovação dos reguladores locais, seja disponibilizado ainda neste ano.

Concorrência

Face à concorrência acirrada, Synésio previu que o setor precisa renovar, de 25% a 30%, de sua frota (portfólio de brinquedos) por ano. Hoje, há 4.700 tipos diferentes de brinquedos. De acordo com o dirigente, o setor "tem sua própria inflação, melhor que a inflação do país".

Demanda

Segundo a B3 (B3SA3), o produto atende à demanda de investidores globais na Ásia, que procuram gerenciar riscos com a moeda brasileira durante seu fuso horário local. Ele marca a primeira incursão do SGX Group em futuros de moedas de mercados emergentes fora da Ásia.

Após breve pausa, Focus volta a elevar o IPCA para este ano

Segundo boletim do BC, índice aumentou de 5,65% para 5,68%

Helena Pontes - IBGE

Por Marcello Sigwalt

Passada a 'brevíssima' pausa da escalada de avanço inflacionário, o IPCA (índice oficial de inflação) projetado para 2025 pelo boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras do país – nessa segunda-feira (10), voltou a subir, passando de 5,65% para 5,68%.

Tal patamar, portanto, se distancia, ainda mais, do teto da meta de inflação de 4,5% para este ano, estabelecido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Também acima da meta ficou a projeção do mercado para 2026, a princípio, estacionado em 4,40%, pela segunda semana seguida. Igualmente estacionários ficaram as previsões para 2027 e 2028, em 4% e 3,75%, respectivamente.

A 'imexibilidade' também parece ter contaminado as previsões para o PIB, que se manteve inalterado em 2,01%, pela terceira semana seguida, bem como para 2026, paralisado em 1,70%, pela quarta semana, e



Aparente contradição, enquanto IPCA avança, Selic continua em 15% ao ano para 2025

em 2% para 2027.

Em que pese o avanço da inflação, a Selic (taxa básica de juros) projetada pela 'banca' continuou em 15% ao ano, pela nona semana consecutiva. Sem mudança também permaneceu em 12,50% ao ano, o prognóstico para 2026.

Volátil nesse início do ano, o dólar deverá chegar à cotação

de R\$ 5,99 no fim de 2025; em R\$ 6, no ano que vem; em US\$ 5,90, tanto para 2027, quanto para 2028.

Ao mesmo tempo, a projeção do Focus para o déficit nominal de 2025 caiu de 8,96% do PIB para 8,95% do PIB. Para 2026, o rombo nominal se manteve em 8,50% do PIB.

Já a dívida líquida do se-

tor público (DLSP) em 2025 'encolheu' de 65,86% do PIB para 65,78% do PIB. Para 2026, a estimativa continuou em 70,33%. O déficit primário deste ano continuou em 0,60% do PIB.

O Investimento Estrangeiro Direto continuou em US\$ 70 bi, mas recuou de US\$ 74,5 bi para US\$ 73,25 bi para 2026.

Volatilidade externa detona Ibovespa

Com a guerra tarifária ainda no radar, e receio crescente de recessão nos Estados Unidos – especialmente após o presidente Donald Trump ter admitido essa chance –, o Ibovespa acompanhou a cautela externa e encerrou a primeira sessão da semana em baixa de 0,41%, aos 124.519,38 pontos. O ajuste foi bem mais contido do que o observado em Nova York, onde as perdas chegaram a 4,00%, no Nasdaq, no fechamento. Na B3,

o índice de referência oscilou dos 123.471,46 aos 125.031,30 pontos, correspondente ao nível de abertura. Com o Ibovespa em baixa desde o começo da sessão, o giro ficou em R\$ 20,3 bilhões nesta segunda-feira. No 1º terço do mês, o índice avançou 1,40%, com ganho no ano a 3,52%.

No exterior, o dia foi de busca por proteção em ativos considerados seguros, ou livres de risco, como os Treasuries, cujos

rendimentos desses papéis caíram. Poucas ações de primeira linha se livraram da aversão a risco: Itaú (PN +0,89%), na máxima da sessão no fechamento.

O dia também foi positivo para Eletrobras (ON +0,74%, PNB +0,75%).

Na ponta ganhadora do Ibovespa, Magazine Luiza (+4,96%), Assaí (+3,97%) e JBS (+2,67%). No lado oposto, Brava (-5,72%), Hapvida

(-5,53%) e Caixa Seguridade (-4,07%).

Em Nova York, além do Nasdaq, o Dow Jones e o S&P 500 encerraram o dia com perdas de 2,08% e 2,70%, respectivamente. "Trump minimizou essas oscilações e destacou que é importante focar no longo prazo, mesmo diante das dificuldades econômicas atuais", diz Patrick Buss, operador de renda variável da Manchester Investimentos.

Incerteza nos EUA 'turbina' o dólar

Valter Campanato - Agência Brasil



Aversão ao risco pelo mercado acaba 'premiando' o dólar

Após uma manhã marcada por instabilidade e trocas de sinal, o dólar ganhou força ao longo da tarde no mercado local, em sintonia com o comportamento da moeda americana no exterior, e encerrou a sessão desta segunda-feira (10), acima de R\$ 5,85.

Temores de recessão nos EUA pela política econômica de Donald Trump, vide novela tarifária, provocaram uma onda de aversão ao risco que contaminou divisas emergentes.

Ontem, Trump desconversou e disse que a economia americana vai passar por um "período de transição" com as medidas que estão sendo adotadas.

"O dólar até chegou a cair um pouco pela manhã, mas o movimento se inverteu à tarde, com piora das moedas emergentes. Há um sentimento de insegurança com as próximas iniciativas de Trump em relação às tarifas e seu impacto na

economia", afirma a economista-chefe do Ouribank, Cristiane Quartaroli.

Com mínima a R\$ 5,7732 pela manhã e R\$ 5,8716 à tarde, o dólar à vista terminou o pregão em alta de 1,07%, a R\$ 5,8521, maior valor de fechamento em março. Em 28

de fevereiro, a divisa fechou a R\$ 5,9163. Apesar do repique hoje, o dólar ainda recua 1,09% nos quatro primeiros pregões do mês.

O economista-chefe da corretora Monte Bravo, Luciano Costa, afirma que nos últimos dias houve uma mudança na

leitura sobre o impacto da política tarifária de Trump, com investidores passando a dar mais ênfase às chances de perda de fôlego aguda da atividade.

Ele observa que, embora a economia americana ainda se mostre sólida, houve alguns sinais de desaceleração ao longo da semana passada com dados mais fracos de consumo das famílias e aumento do déficit comercial.

Além disso, indicador do Federal Reserve de Atlanta que tenta medir a evolução do PIB em tempo real sugeriu contração forte da atividade no primeiro trimestre.

"O que estamos vendo hoje é um risk off global que acabou pegando as moedas emergentes. As bolsas em Nova York abriram em queda e o Nasdaq passou a cair mais de 4% à tarde, enquanto as taxas dos Treasuries curtos recuaram mais de 10 pontos", afirma Costa.

Criptomoeda apura queda expressiva

O bitcoin chegou ao fim da tarde desta segunda (10), com uma queda significativa, em meio às incertezas regulatórias nos Estados Unidos e diante de um cenário global de aversão ao risco, diante de renovados temores de recessão nos EUA e novos sinais de fraqueza na economia chinesa. Com o declínio, a criptomoeda mais negociada do mundo opera abaixo de US\$ 80 mil.

Por volta das 16h00 (de

Brasília), o bitcoin caía 5,88%, a US\$ 77.659,93, enquanto o Ethereum cedia 9,18%, a US\$ 1.836,46, de acordo com a Binance.

Investidores promoveram uma liquidação de ativos de risco nesta sessão, de bolsas a criptoativos, depois que o presidente dos EUA, Donald Trump, evitou descartar uma recessão no país e ressaltou que a economia americana estaria passando por um "período de

transição". As dúvidas sobre os impactos da política tarifária americana, associadas a novos sinais de fragilidade da economia chinesa – que deflacionou mais que o esperado em fevereiro – levaram os investidores a trocarem ativos agressivos por opções mais seguras.

A reunião de cúpula sobre criptomoedas realizada na sexta-feira (7) pela Casa Branca não trouxe detalhes sobre os planos do governo Trump para

a regulação do setor. O anúncio desapontou os investidores, que esperavam aquisições agressivas de novos bitcoins.

Para Marion Laboure, do Deutsche Bank, a volatilidade das criptomoedas deve permanecer elevada enquanto não houver clareza sobre os planos do presidente Trump para uma reserva estratégica de bitcoin, como cronograma de execução, os mecanismos de financiamento e a alocação de ativos.